

Reflexão V

Os primeiros tempos da Vida de Jesus de Nazaré (1)

Nota prévia:

Um episódio relatado no Evangelho de Mateus - matança dos inocentes pelo rei Herodes - merece uma reflexão/explicação. Não é relatado por Lucas e até, por isso mesmo, ficamos em alerta para o porquê desta omissão. Marcos e João nada dizem, como sabemos, sobre a infância de Jesus de Nazaré. João faz uma belíssima catequese sobre a sua concepção e do desejo de Deus para, através d'Ele, visitar o seu Povo.

Todo este espaço de reflexão é disponibilizado para fazer crescer a nossa Fé para uma Fé adulta. Jesus de Nazaré, é Filho de Deus e nossa referência para a busca do Reino de Deus na vida de cada dia, rumo à Vida Eterna. Portanto, como cristãos, tenhamos por objetivo ser aquilo que o Pai quis que fossemos desde o dia em que nascemos. A nossa fragilidade é grande e “desviamo-nos” muitas vezes do alvo/projeto/programa de Deus. Tenhamos “sede para aprendermos o que é a água”.

Nesta reflexão utilizamos, na totalidade, um artigo de Ariel Álvarez Valdés, teólogo e biblista argentino, publicado num dos 5 livros que escreveu sobre o título “O que sabemos da Bíblia?” e publicado na revista Bíblica nº 391 de novembro/dezembro 2020 - Revista dos Padres Missionários Capuchinhos - com tradução de Lopes Morgado.

.....

“

Foram muitos os meninos inocentes mandados matar por Herodes?

A morte de meninos inocentes, quando Jesus nasceu, é um episódio exclusivo do Evangelho de Mateus. Mas Herodes não matou apenas crianças. Nem foi o único tirano a matar inocentes. Infelizmente, esses assassínios continuam, hoje. Por isso interessa-nos analisar o “facto” e a sua mensagem.

A consequência do não cumprimento do pedido de Herodes aos magos.

Um dos momentos mais terríveis do Novo Testamento é, sem dúvida, o relato de São Mateus sobre a degolação dos meninos de Belém.

No capítulo 2 do seu Evangelho, narra que, quando Jesus nasceu, se apresentaram em Jerusalém uns magos, vindos do oriente, e perguntaram ao rei Herodes: “Onde *está o rei dos judeus, que acaba de nascer?*”

Herodes, que se considerava o único rei dos judeus, ficou alarmado ao ouvir isto, pensando tratar-se de alguém que lhe vinha usurpar o trono. Então, enviou os magos a Belém, onde havia de nascer o Messias, recomendando-lhes que viessem informá-lo, quando o encontrassem. Mas os magos, depois de (se) encontrarem (com) Jesus, em vez de voltarem a Jerusalém, decidiram regressar ao seu país por outro caminho.

Quando o rei Herodes soube que os magos o tinham enganado, enfureceu-se terrivelmente e enviou os seus soldados para matar todos os meninos de Belém e seus arredores, com menos de dois anos, para com eles eliminar Jesus. Mas Jesus conseguiu salvar-se, porque José e Maria fugiram a tempo para o Egito, onde buscaram refúgio. (Mt 2, 1-18).

Inumeráveis quadros, pinturas e representações cinematográficas mostraram esta cena terrível do Evangelho de Mateus, com as crianças a serem arrancadas dos braços das suas mães e a cair aos golpes assassinos dos esbirros de Herodes. Até chegaram a ser feitos cálculos cuidadosos acerca de quantos meninos teriam morrido nessa ocasião.

Baixando os números.

Alguns comentadores antigos calcularam em três mil os “santos inocentes” mortos nesse dia. A igreja grega afirma que foram 14 mil. Os cristãos sírios elevam-nos a 64 mil. E alguns chegaram a elevar a cifras aos 144 mil, pensando que o livro do Apocalipse, ao falar dos 144 000 mortos “que não se mancharam com mulheres porque são virgens” (14, 1.4) se refere a eles.

Mas na realidade, no tempo de Cristo, Belém era uma pequena aldeia e o total da sua população não chegaria aos mil habitantes, Daí que os nascimentos não eram mais de 30 por ano. Como a mortalidade infantil no oriente era, muito elevada nessa época, é provável que só metade dos recém-nascidos chegassem aos dois anos; restariam, assim, umas 15 crianças. A destas 15 há que retirar cerca de metade, correspondente às meninas, que Herodes não teria motivo para mandar matar, ficando assim uns 7 ou 8 meninos sobreviventes

por ano. Ou talvez umas pouco mais, se a degola se estendesse aos “arredores” de Belém, como diz o Evangelho.

Contudo, hoje os estudiosos avançam ainda mais e perguntam: Este relato será histórico? Isto é: aconteceu realmente a matança dos meninos inocentes?

A crueldade de Herodes

Quem conhecer um pouco de História, não duvida em afirmar que é possível. De facto, Herodes é largamente conhecido nas crónicas judaicas pelo seu carácter cruel e sanguinário, e sabemos que, durante o seu reinado, não duvidou em aniquilar todos os que pretenderam atravessar-se no seu caminho ou disputar-lhe o trono, fossem eles inimigos ou familiares.

Por exemplo, quando subiu ao trono de Jerusalém no ano 37 a. C mandou matar 45 partidários do seu rival Antígono, bem como numerosos membros do Sinédrio, a corte suprema dos judeus. Dois anos depois, mandou afogar numa piscina de Jericó o seu cunhado Aristóbulo, que ele mesmo, pouco tempo antes, havia nomeado Sumo-Sacerdote embora tivesse apenas 16 anos e fosse irmão da sua mulher predileta. No ano 34 a. C fez matar José, seu tio e marido de sua irmã Salomé. Cinco anos mais tarde, cometeu o delito mais trágico de todos: por simples calúnias que lhe tinham chegado aos ouvidos, mandou matar a sua mulher Miriam, por quem estava loucamente apaixonado; e mal foi executada a sentença, arrependeu-se e ficou tão enlouquecido de dor, que ordenou aos seus servos que fossem pelos corredores do palácio a chamar a morta em voz alta, como se ela ainda vivesse.

Lágrimas para um funeral

Os seus crimes não acabaram aí. Após alguns meses, mandou matar a sogra Alexandra, acusada de intrigar contra ele. No ano 25 a. C matou o seu cunhado Kostobar, novo marido da sua irmã Salomé. No auge da sua crueldade, fez matar a dois dos seus filhos, Alexandre (o segundo filho) e Aristóbulo (o terceiro filho), por suspeitar que conspirassem contra ele, e 300 oficiais partidários dos dois jovens.

No ano 4 a. C, apenas cinco dias antes da sua morte, e estando gravemente doente, mandou matar o seu filho mais velho, Antípatro, que estava prestes a suceder-lhe no trono. E tanto lhe agradou esta morte, que a seguir à execução pareceu recuperar e melhorar de saúde.

E quando já estava para morrer, a fim de concluir a sua vida com um ato digno do seu temperamento brutal e feroz e como previa que a sua morte seria motivo de alegria entre os seus súbditos, para que o povo o chorasse, mandou encarcerar no hipódromo de Jericó os representantes das principais famílias judias do país, e ordenou à sua guarda que os degolasse logo a seguir à sua morte. Assim, em todo o reino, haveria lágrimas no dia do seu funeral.

Por toda esta crueldade e barbárie ao longo do seu reinado, a ideia de alguns meninos assassinados em Belém, com receio de que lhe disputassem o trono, já não parece inverosímil. Mas daí a ter acontecido!!

O silêncio dos inocentes

Mas (e aqui radica a dificuldade para aceitar este facto como histórico), é estranho que semelhante matança de meninos não figure em mais nenhum outro documento da época. Mais: Flávio Josefo, um autor judeu do século I, escreveu a vida de Herodes; foi dela que tiramos todos os dados aberrantes mencionados acima sobre o monarca. Ora, curiosamente, ele não menciona nunca o episódio dos meninos de Belém. Perguntamos: Como é possível que Flávio Josefo, que sentia desprezo por Herodes, e por isso se esmerou em deixar por escrito os pormenores dos seus crimes, incluindo os familiares e privados, não tivesse sabido daquela matança tão pública ocorrida em Belém?

O silêncio do escritor judeu levou os biblistas atuais a duvidar da morte dos meninos inocentes e da posterior fuga da Sagrada Família para o Egito como acontecimentos estritamente históricos.

Existe outra razão para desconfiar da historicidade desses factos. Os estudiosos descobriram, também, uma “flagrante” semelhança entre os episódios da infância de Jesus, e os da infância e vida de Moisés. De facto, analisando o que o livro do Êxodo conta sobre Moisés, e comparando-o com o que São Mateus nos conta de Jesus, vemos que os dois relatos coincidem, assombrosamente.

Moisés e Jesus – Relatos paralelos

1. Quando Moisés nasce, um rei (o faraó) ordena a morte de todos os meninos nascidos no Egito (Ex 1, 15-22). Quando Jesus nasce, um rei (Herodes) manda matar todos os meninos de Belém e de todo o seu território, da idade de dois anos para baixo (Mt 2,16);
2. A ordem do rei egípcio deveu-se à desobediência das parteiras (Ex 1, 15-22); a ordem do rei judeu deveu-se à desobediência dos magos (Mt 2, 16);
3. Executada a ordem, Moisés é salvo milagrosamente (Ex 2, 2-3); executada a ordem, Jesus salva a vida milagrosamente (Mt 2, 13-14);
4. Moisés salva-se no Egito; Jesus também (Mt 2, 14);
5. Após algum tempo, morre o rei egípcio perseguidor (Ex 2, 23); após algum tempo morre o rei judeu perseguidor (Mt 2, 19);
6. Então Moisés recebe a ordem de voltar para o Egito, pois morreu quem tentava matá-lo (Ex 4, 19); então José recebe ordem de voltar do Egito, porque morreram os que tentavam matar o Menino (Mt 2, 20);
7. Moisés toma a mulher e os seus filhos e volta para o Egito (Ex 4, 20); José toma o Menino e a sua mãe, e volta a Israel (Mt 2, 21);
8. Moisés tem de fugir duas vezes para se salvar de quem governa o Egito (Ex 2, 1-10.15); Jesus tem de fugir duas vezes para se salvar de quem governa Israel (Mt 2, 13-14.22-23).

Porquê dois relatos tão parecidos?

São Mateus compôs o seu Evangelho para uma comunidade cristã de origem judaica, isto é, com uma formação e cultura judaicas. E sabia que os judeus veneravam muito Moisés como salvador do povo e Mediador da Aliança com Deus.

Ora, Mateus não sabia demasiados pormenores da infância de Jesus. Conhecia os factos da sua vida pública, mas não os da sua infância. Então, decidiu contá-la inspirando-se em elementos tomados da infância de Moisés, mais do que em dados estritamente históricos. Deste modo, aproveitou para dizer os seus leitores que Jesus era o novo Moisés que Deus tinha enviado à terra.

O especialista em sonhos

Porém, no relato dos meninos inocentes, Mateus não se inspirou no Antigo Testamento apenas para a figura de Jesus, como ainda para a figura de José. Na verdade, o evangelista também sabia muito pouco sobre José. Ou, melhor dizendo, não sabia nada, pois, quando Jesus iniciou a sua vida pública, provavelmente, José já tinha morrido. Por isso, nunca o menciona durante a vida pública de Jesus. Como representar, então, este José de quem não sabia nada? Como caracterizá-lo?

Mateus, então, decidiu descrevê-lo com traços tomados do famoso José do Génesis, um dos doze filhos de Jacob. E quais eram as características do filho de Jacob, de nome José? Era um “especialista em sonhos”, pois Deus costumava revelar-se-lhe por este meio (Gn 37, 19); e durante a vida desceu ao Egito contra a sua vontade (Gn 37. 28). Por isso, estas duas características serão as únicas que Mateus vai contar de S. José.

Por outro lado, mostra-o como um “sonhador” a quem Deus fala sempre em sonhos (Mt 1, 20; 2, 13; 2, 19; 2, 22). E por outro lado, fá-lo descer à terra do Egito contra a sua vontade (Mt 2, 14). Aliás, José esposo de Maria, vai ser o único personagem do Novo Testamento que aparece a viajar para esse país.

Portanto, como Mateus desconhecia os pormenores da infância de Jesus, quis narrá-la inspirando-se em personagens do Antigo testamento, de forma a que Jesus seja o novo Moisés, Herodes será o novo faraó e José esposo de Maria, será o novo patriarca José do Egito.

O sentido de uma festa

Desde épocas muito antigas, os cristãos, ao lerem os Evangelhos à letra (o que nunca é aconselhado), procuram celebrar a memória dos santos inocentes mortos em Belém, uma vez que estes aparecem no Novo Testamento como os primeiros mártires de Cristo. Por isso, já no século IV, esta festa apareceu no norte de África, onde a Igreja da cidade de Cartago a comemorava todos os anos com grande tristeza.

No século V a celebração passou para Roma, e dali rapidamente se estendeu às outras igrejas. Durante a Idade Média, a memória dos Santos Inocentes foi fixada a 28 de dezembro, isto é, poucos dias depois do nascimento do Menino Jesus, a fim de aproximá-la o mais possível do facto que esteve na sua origem. No século XVI, o Papa S. Pio V elevou-a à categoria de “Festa” litúrgica, e pouco a pouco o seu carácter de luto foi mudando para o tom alegre que hoje tem.

Mas, se o relato da morte dos meninos de Belém não foi um facto rigorosamente histórico, o que celebra então a Igreja no dia dos “Santos Inocentes”? Mais do que comemorar os meninos concretos e conhecidos do século I a. C, a Igreja quer recordar nesse dia a imensa multidão de homens e mulheres que deram a sua vida para se manterem fiéis aos valores cristãos, quer tenham conhecido Jesus Cristo ou não. É o que diz a oração da Missa desse dia: “Senhor, os mártires inocentes proclamam a tua glória neste dia, não com palavras, mas com a sua morte. Ajuda-nos a testemunhar com a nossa vida a fé que confessamos por palavras”

Voltar a salvar o menino

No seu relato da matança dos meninos inocentes e da fuga de Jesus para o Egito, S. Mateus não pretendeu contar um facto histórico, sucedido durante a infância de Jesus e como já dissemos e repetimos. O que ele quis foi explicar aos leitores do seu Evangelho, que Jesus Cristo é o novo Moisés que os judeus esperavam para fazer uma Nova Aliança. E disse-o à sua maneira, isto é: contando que, quando Jesus era menino (como Moisés), teve de enfrentar uma trágica perseguição (como Moisés), e conseguiu salvar-se milagrosamente do rei que o procurava, embora isso tenha causado a morte de outros meninos inocentes (como no caso de Moisés).

Ensinar isto aos seus leitores, às suas comunidades, era muito mais importante do que relatar-lhes pormenores biográficos ou cronológicos de Jesus – que, aliás, ele conhecia muito pouco ou nada.

Além disso, Mateus também quis deixar esta mensagem a todos nós, os seus leitores dos dias de hoje: em todas as sociedades é possível encontrar homens com ambição de poder, tiranos dominadores das nações, que não respeitam ninguém, ao ponto de não hesitarem eliminar quem se achesse no seu caminho. *Tais tiranos também se encontram nas sociedades mais pequenas, nas instituições, nas famílias e até nos grupos de amigos. São aqueles que querem sempre dominar, não suportam a ideia de haver alguém superior a eles, para quem as outras pessoas são apenas degraus para eles pisarem e subirem mais alto.*

Mas, segundo Mateus, estes dominadores não se aperceberam que, ao desprezarem as outras pessoas, estão a afrontar o próprio Deus.

Por sua vez, *a tarefa da Igreja hoje é a de José e Maria há 2000 anos: tomar o Menino – quer dizer: os frágeis, os desprotegidos do sistema, os excluídos da sociedade, os falhos de oportunidades – e salvá-los. Porque neles se esconde, embora não o pareça, um Deus menino.*”

.....

OBS:

Apoio ao texto a partir de Ariel Álvarez Valdés

Citação: Revista Bíblica nº 391 – novembro/dezembro 2020 – Páginas 243/247.